

A IDADE DA SEPARAÇÃO BRASIL-ÁFRICA: EVIDÊNCIAS A PARTIR DA BACIA DE SANTOS*Flavio Giotto Gonzaga¹*¹ PETROBRAS

RESUMO: Na bibliografia corrente sobre a evolução da margem costeira do sudeste brasileiro a coluna sedimentar é dividida em fases tectônicas denominadas rift, transicional e drift (ou termal). Sob um prisma histórico, essa separação, introduzida a partir da década de 70, era referenciada ao ambiente deposicional, cujas fases eram chamadas de continental, transicional e marinha. Foi a partir da década de 80 que esta divisão passa a ser associada às características tectônicas de um processo distensional, criador de uma margem passiva, sendo a coluna sedimentar dividida em fases tectônicas rift, e drift e estabelecido o limite entre elas no topo do Andar Jiquiá. Esse modelo evolutivo teve ampla aceitação na comunidade geológica e foi expandido para toda a margem do sudeste. Como o Andar Alagoas não era uma típica fase drift, o termo transicional para esse intervalo foi sendo adotado a partir do início da década de 90, apesar da sua inadequação em relação à tectonofísica e da existência de vários trabalhos questionando a idade do final do rifteamento. Análise pelo método backstripping mostra um nítido padrão evolutivo de uma bacia de margem passiva, com altas taxas iniciais de subsidência tectônica (fase mecânica), seguidas por baixas taxas (fase termal). A separação entre os dois padrões se dá no topo do Eo-albiano (equivalente ao topo da Formação Guarujá). Os evaporitos com uma espessura original de cerca de 4.000m dão taxas de acumulação entre 4.000m/M.a. e 8.000/M.a., superiores a qualquer taxa de subsidência tectônica conhecida. Os sedimentos da Formação Guarujá (espessura máxima de 3.500m) apresentam taxas de acumulação de cerca de 1.000m/M.a. em ambiente de suposta quiescência tectônica. Comparando-se as curvas de subsidência térmica teóricas com as obtidas pelo backstripping, observa-se que caso o final do rifteamento fosse no topo do Andar Jiquiá, durante a deposição Formação Guarujá deveria haver um soerguimento de centenas de metros a fim de haver um ajuste com o modelo tectonotermal, o que é incompatível com os dados paleobatimétricos, sedimentológicos e paleontológicos da unidade. As isópacas do grupo Camburi (Albiano/Cenomaniano) mostram a presença de uma possante calha deposicional paralela ao longo da borda da Bacia de Santos. Em razão de sua posição junto à borda da bacia essa feição não pode ser explicada pela fuga de sal. Litologicamente, a presença contínua de espessos pacotes de conglomerados proximais desde os andares Buracica/Jiquiá ao Eo-albiano indicam um forte tectonismo durante a deposição desses estratos. Dados sísmicos na Bacia de Santos fornecem provas inequívocas de um rifteamento até uma idade eo-albiana, com a presença de grabens de idade eo-albiana com falhas de crescimento, com espessuras em torno de 1,5 s (dependendo da velocidade dos sedimentos, 3.000m de espessura) e rejeitos da mesma ordem de grandeza. A Bacia de Santos apresenta todas as evidências necessárias para o rompimento do paradigma do final do rifte ser no topo do Andar Jiquiá. Assumindo-se um final no Eo-Albiano, muda a concepção da evolução das bacias da margem sudeste brasileira (e consequentemente, africanas), eliminando-se várias contradições estruturais, estratigráficas e térmicas.

PALAVRAS-CHAVE: BACIA DE SANTOS; RIFT; EVOLUÇÃO TECTONICA.